

Fernando Pessoa

## **Diálogo na treva?**

(Diálogo na treva?)

Cresce em mim uma onda de agonia  
E de calado horror que surge e salta  
Pelas cavernas fundas da minha alma  
E em fissuras ocultas do meu ser  
Aponta-as aparecendo, uma onda turva  
Duma maré silenciosa e escura  
Que cresce e ocupa-me e me afoga em mim.  
Quero fugir-lhe e soerguer-me, abrir  
Um voo e ela sobe-me, silente,  
Em (...) naufragadora.  
Cresce em mim e eu transido desse horror  
Vejo sempre mais perto do que cria  
Sempre em remotas dobras elevando-se  
Das solidões do meu ser e cada vez  
Mais dentro em mim.

Sois um desejo, uma ânsia, uma agonia?  
O que quereis, que me impelis subindo  
Não sei para que horror velando um fim?  
Para que sou eu vosso? Aonde levais  
Esta alma que só sabe resistir? Ergueis-me  
Em guerra contra o ser, e eu odeio  
O que vejo em minha frente, O Imediato.  
Por isso, oh mares, sóis, estrelas, ventos,  
Oh enigmas parados numa vida  
De enigmas cheia desprendidamente,  
Eu dou-vos vida só para odiar-vos,  
Eu não sou vosso. Deste dia avante  
Sou o inimigo de ser, sou o horrído,

(...)

O crime eterno de não ter razão  
De existir e fitar-me. Digo adeus  
A tudo que se pode amar ou crer,  
A tudo que na terra vive ou dorme.  
Cousas com um sol exterior vão [. . .]  
Eu faço-vos escuras do meu ódio.  
Caia uma treva imensa na minh'alma  
Para com tudo, seja eu a noite,  
Esquecendo-se em ser.

Sobe,

Avassala-me, túrbida corrente,  
Mas tu e eu em ti. Ciência,  
Eu substituo-vos a escuridão  
Da essência do meu ser e vosso ser.

s. d.

Fausto — Tragédia Subjectiva. Fernando Pessoa. (Texto estabelecido por Teresa Sobral Cunha. Prefácio de Eduardo Lourenço.) Lisboa: Presença, 1988: 110.